

A REIVINDICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO EXCLUÍDO EM *A PALAVRA QUE RESTA*, DE STÊNIO GARDEL: CONFIGURAÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA

THE CLAIMING OF THE SUBJECTIVITY OF THE EXCLUDED IN STÊNIO GARDEL'S
THE WORDS THAT REMAIN: CONFIGURATION OF A STRATEGY

Dirceu Arno Krüger Juniorⁱ

 <https://orcid.org/0000-0003-2522-9090>

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta relacionada à análise de uma reivindicação da subjetividade do excluído, e seu respectivo processo de constituição, a partir do romance: *A palavra que resta* (2021), do escritor cearense, Stênio Gardel. Por meio do personagem Raimundo, o protagonista do livro, institui-se uma possibilidade atrelada a essa figura de contar a sua própria história sem o uso de subterfúgios externos, como um tradutor (ou um sujeito letrado), quando este recorre aos estudos e finalmente alfabetiza-se. Os enigmas que circunscrevem a carta escrita por Cícero, o ponto catalisador dos afetos de sua existência, também contribuem para a vivificação dessa proposição, homeopática por parte de Raimundo, de tecer os fios que compõem a urdidura de sua diegese. Gardel também estabelece em sua obra um ensejo à compreensão dos ditames que envolvem a experiência do excluído, não apenas no que tange à premência de que seu relato assente-se em primeira pessoa, mas que a sua subjetividade seja retomada por intermédio de uma reivindicação que assume contornos sociais e políticos, pessoais e objetivos, quando apartada de uma determinada voz, a qual poderia falseá-la ou transformá-la, em um artefato artístico desprovido de significação individual primária.

Palavras-chave: literatura brasileira; subjetividade; exclusão; *A palavra que resta*; Stênio Gardel.

Abstract: This article presents a proposal related to the analysis of a claim to the subjectivity of the excluded, and its respective process of constitution, based on the novel: *The words that remain* (2021), by the writer from Ceará, Stênio Gardel. Through the character Raimundo, the protagonist of the book, a possibility is established, linked to this figure, of telling his own story without the use of external subterfuges, such as a translator (or a literate person), when he resorts to studies and finally becomes literate. The enigmas surrounding the letter written by Cicero, the catalyst for the affections of his existence, also contribute to the vivification of this proposition, homeopathic on Raimundo's part, of weaving the threads that make up the warp of its diegesis. Gardel also establishes in his work an opportunity to understand the dictates that surround the experience of the excluded, not only regarding the urgency of their account being based on first-person narration, but that their subjectivity be reclaimed through a claim that takes on social, political, personal, and objective dimensions, when separated from a particular voice, which could distort or transform it, in an artistic artifact devoid of primary individual meaning.

Keywords: brazilian literature; subjectivity; exclusion; *The words that remain*; Stênio Gardel.

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2025.n2.77389

Recebido em: 28/11/2025

Aprovado em: 10/12/2025

ⁱ Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4772589439962250>. E-mail: dirceu.kruger.jr@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

A arquitetônica narratológica de *A palavra que resta*, de Stênio Gardel, alicerça-se em uma base entremeada pela premência da criptografia do mundo e de seu conjunto simbólico, à medida que elucubra o exercício diário e visceral de permanência em um espaço hostil e não afeito às idiossincrasias as quais preconcebem os indivíduos. Deslocado em sua própria individualidade, que almeja difundir, Raimundo Gaudêncio apresenta um tecido de acontecimentos que sacramentaram a sua vida direcionando-o ao processo de letramento e, por conseguinte, de intensa descoberta de um cosmos que, anteriormente, lhe parecia inteiramente obliterado. A história de Raimundo é um libelo não apenas do processo de invisibilização e do emudecimento de indivíduos que vivenciam uma realidade mínima e miasmática. Porém que se enleiam a um aferrado comprometimento centralizado no entorno que erigiram e, apenso a isso, definem a constituição de um constructo de subjetividade capaz de vir a permitir a apreensão daquela em sua matriz. Assim como, de suas infinitas possibilidades de sobressaímento, opondo-se a um ambiente repleto de austeridade e de matizes soturnos.

Este texto investiga a reapropriação da própria subjetividade por meio de sujeitos sistematicamente enfeitados pela moralidade comum e, por extenso, pelo poder político. Raimundo: nordestino, pobre, não escolarizado, homossexual, pária familiar e social é um sujeito engajado em um profundo ensaio de reparação principiado em primeira pessoa, isto é, em si mesmo. Ao aprender a ler e a escrever, Raimundo descortina a ambiência em que vive depreendendo um índice de fenômenos, até então, desconhecidos em sua própria conjuntura.

Encorajado por uma figura espectral e superlativa, Cícero, a pedra de toque de suas primícias afetivas e sexuais, o personagem mantém a sua carta, nunca antes lida, no feitio de um talismã. Ou, em uma outra perspectiva, como o simulacro de um paradigma de sentimentos e de afetos experimentados em um período áureo de sua permanência no mundo, ainda em tenra idade. Aliado a Alex, à Suzzanný, à Creide e a outros personagens despojados de luz pública e de reconhecimento civil, Raimundo embarca em uma incursão pela emancipação de sua subjetividade. Simultaneamente, ele incorpora uma obsessão de legitimar um refúgio para albergar seus quereres e de dispor de uma dose de dignidade, para trespassar os dias vindouros de um novo ciclo de eventuais experiências subjetivas derivadas, em grande parte, dos recursos oriundos de seu letramento.

No primeiro capítulo deste texto, *Os motivos de Raimundo: o desejo como lugar da diferença*, discutem-se as características da estrutura da ascensão de Raimundo, protagonista



de *A palavra que resta*, avaliando a distensão a qual é submetido, ainda residindo com a sua família, e, consecutivamente, o despertar do envolvimento amoroso com Cícero. Bem como, a partida para a cidade e, finalmente, a celebração de sua sexualidade e de sua subjetividade quando rompe com as amarras do poder paterno. O desejo como o lugar da diferença, teoria desfraldada por Michel Foucault, é idealizado na forma de se pensar os motivos de Raimundo e suas incontornáveis ações no protótipo de uma utopia transgressiva (uma abstração de autonomia) em oposição à utopia integradora (convenção e regulação).

Na segunda parte, *As alianças (improváveis) oriundas dos regimes de exclusão: o orbe de desgarrados de Raimundo*, estuda-se à composição do espaço do personagem e os entrelaçamentos os quais o consolidam, urdindo a planificação de uma autonomia, ao modo que este recupera os fragmentos de sua subjetividade, estabelecendo-se em seu novo meio, em que a exclusão é redesenhada e esvaziada de sua conotação sombria e aniquiladora. Para além dos apagamentos e das rejeições impingidas pela normatividade social, Raimundo refaz a cartografia de si e promove uma nova geografia de sua superfície existencial e também de seu corpo. A *geografia do corpo* tem em Édouard Louis o lastro conceitual tangente ao entendimento das dimensões e do remodelamento da corporatura quando esta é reinvestida e anexada a um outro campo (social e político). Nesta perspectiva, o romance de Sheyla Smanioto, *Meu corpo ainda quente*, também fornece indícios no que concerne à reinscrição do corpo em espaçamentos insólitos e, aparentemente, não promissores.

As Considerações finais estruturam o pacto firmado entre Raimundo e si mesmo, entre si e Cícero, do mesmo modo que entre si próprio e Suzzanny, e entre os outros personagens proscritos os quais integralizam a sua redoma social. Realocar a subjetividade em um terreno menos hostil e com mais probabilidades de autoexpressão é um dos móveis que consagra a retomada da subjetividade do personagem Raimundo, em *A palavra que resta*, e de seu: “orbe de desgarrados”, no livro de Gardel. O *desgarramento social* é desmantelado pelo personagem de maneira a garantir-lhe a presunção da transfiguração subjetiva e, irremediavelmente, ética. A disseminação de utopias transgressivas, aguerridas contra as utopias integradoras, reforma as concepções de pertencimento, à medida que a segunda predicação pode atribuir ao indivíduo exilado uma espécie de degredo no solo da sociedade à proporção que o modera. Em outros termos, quando não há um pacto superveniente entre os múltiplos sujeitos que abrangem a textura de um coletivo presumivelmente compartilhado.



2 OS MOTIVOS DE RAIMUNDO: O DESEJO COMO O LUGAR DA DIFERENÇA

O narrador heterodiegético de *A palavra que resta*, que apresenta Raimundo e seu universo particular, concede uma explanação concisa e visceralmente franca acerca de suas predileções sexuais ao modo que relata os acontecimentos decisivos de sua vida. Para além da exposição de sua orientação sexual, a homossexualidade, que o destoa e o afasta de seu contexto paternal e doméstico, suplantando-o, o que ele concretiza é uma convocação à percepção da pulsão sexual emoldurada por um entorno árido e desprovido de um léxico e de uma nomenclatura capazes de dignificar um processo de inteligibilização, expressamente, ambíguo. Dessa forma, a crueza do relato de Raimundo pode vir a ser compreendida como o posicionamento do desejo em seu espaço da diferença¹. O desejo como o lugar da diferença, conceptualização argumentada por Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês, nos anos 1960, investe aquele de uma acepção primordial no sentido de descolá-lo de sua vertente regular e normatizada, abalizada no *corpus* da sociedade, e de sua sistemática discursiva.

O não letramento de Raimundo, malgrado a apreensão incisiva de sua autopercepção e do nivelamento senciante da sexualidade a qual lhe subsidia, no condicionamento de uma insígnia reflexiva, ritualiza o seu desejo nesse santuário da diferença no qual ele repousa. Segundo Foucault (2021, p. 246): “As *utopias transgressivas* (grifo meu) têm por resultado fazer surgir o desejo como princípio absolutamente diferenciador, e a regra como elemento que não é interior nem na natureza, nem na sociedade, nem no sujeito.”² Apesar de não poder

¹ A concepção do desejo como pertencente ao lugar da diferença foi trabalhada por Foucault em um curso ministrado na Universidade de Vincennes, no ano de 1969. Pressagiando as reflexões que abarcariam uma parte considerável de seu cabedal teórico durante os anos 1970, suas indagações sobre a sexualidade naquele ano de 1969 recuperam uma parcela importante de suas análises consagradas em livros como *As palavras e as coisas* (1966) e *A arqueologia do saber* (1969). O referido curso também promove uma antevisão do *corpus* teórico que solidificaria a reputação de Foucault, como intelectual, concernente à sua atuação no *Collège de France*, a partir de dezembro de 1970. Essa rubrica também encabeçará o projeto de *História da Sexualidade* (1976-2018). Eivado de um determinado hermetismo, Foucault, claramente reticente ao proferir tais argumentos, proclama o desejo não apenas como domiciliado no terreno da diferença, mas também o entroniza naquilo o qual denomina de uma *soberania do desejo*, sem dilatar o escopo da questão. Foucault (2021, p. 244) escreve no manuscrito do curso supracitado: “Não é o desejo que é o elemento diferenciador; é a diferença, [o jogo] das oposições, das complementaridades, que dá lugar ao desejo. De modo que *o desejo só tem lugar na diferença* (grifo meu). E o arranjo das diferenças, sua distribuição exata num quadro, ou numa imagem estável, suprime o desejo.” E, por fim, o autor perfaz seu pensamento registrando: “[Utopia transgressiva]: a *soberania do desejo* (grifo meu) como o momento constitutivo das diferenças irreversíveis.” (*Idem*, 2021, p. 244) Para um acesso mais completo à problemática da sexualidade e do desejo, acessar a *Aula 07: A utopia sexual* (2021, p. 236-265), presente no curso: *O discurso da sexualidade*, lecionado na Universidade de Vincennes, por Foucault, o qual integra a compilação: *Sobre a sexualidade: cursos e trabalhos de Michel Foucault antes do Collège de France* (2018).

² As *utopias transgressivas*, de acordo com Foucault, coexistem em uma aparelhagem análoga, tanto quanto antagonica, às *utopias integradoras*. As utopias integradoras, supostamente, forneceriam os subsídios necessários para o recrudescimento daquilo que o autor francês entendia como um artifício de regulação, de uma coibição do sujeito em sua esfera libertária e inconsolavelmente subversiva. Foucault (2021, p. 246) comenta: “As utopias integradoras têm por resultado apagar da sexualidade o momento do desejo e a instância da regra – graças ao que

interpretar os códigos que circunscrevem o meio em que reside, em decorrência da deficiência de uma educação formal, Raimundo entende que a sua sexualidade é avassalada pela vertente biológica: a reprodução sumarizada com base no matrimônio realizado com outra mulher. Algo que lhe outorgaria uma localização privilegiada no estatuto familiar e salvaguardaria a geração vindoura, através da prevalência dos valores familiares e filiais. Unidades estas aglutinadas a uma tradição opressora e impiedosa em termos de manutenção de categorias sociais cristalizadas (a mãe, o pai e a irmã, exemplarmente). Raimundo, destarte, desconstrói o sustentáculo familiar ao contrapor-se a esse itinerário no gradual desenlace de sua verve sexual.

A *regeneração* proposta pelo pai de Raimundo, Damião, versificada por uma violência física no ensejo de expurgar o mal que o acomete (entranhado nas *profundezas* de sua carne), revela a dicotomia da dimensão do poder paternal (imperativo), que protege e também coage. Essa dúplici faceta também é notabilizada na figura da mãe, Caetana: “A voz que afaga, a voz que afoga.” (Gardel, 2021, p. 57). O descerrar do desejo dos membros consanguíneos secundários, os filhos, é perpassado pelo prólogo o qual compete à família manipular e apequenar os quereres manifestados no enquadramento da prole, incluindo ações de cunho punitivista. Dessa forma, denota-se que a pulsão sexual, especificamente a lubricidade, é um privilégio detido apenas pelo marco parental, relegando os filhos às incertezas as quais contornam as dúvidas (insolúveis) e as peculiaridades existentes no interior do âmago do desejo e de suas complexidades. Por meio desse viés, cabe aos progenitores um projeto constituído de uma agenda correcional e também normalizadora. No curso ministrado na Universidade de *Clermont-Ferrand* (1964) presente na compilação, *Sobre a sexualidade*, Foucault (2021, p. 66) alega: “Se é verdade que a sexualidade humana é bem mais que um instinto aculturado, podemos compreender a partir daí que, apesar de estar profundamente ancorada no biológico, ela é totalmente perpassada *por formas culturais* (grifo meu)”³.

É necessário enaltecer que o querer de Raimundo é ilustrado a partir da ocasião em que os estudos realizados no ambiente ficcional do livro, pelo personagem, começam a designar e a evocar os primeiros anseios daquele, quando a sua subjetividade começa a revestir-se de uma nomenclatura, de um norte lexical. Gardel (2021, p. 20) sublinha em sua obra:

a natureza e a sociedade podem comunicar-se com o indivíduo.” Para uma averiguação ampliada do tema, acessar a já mencionada *Aula 07*, do curso da Universidade de Vincennes, *O discurso da sexualidade*, de Foucault.

³ Este comentário abrange a *Aula 03: O comportamento sexual* (2021, p. 62-88), do curso de *Clermont-Ferrand* editado para a coletânea, *Sobre a sexualidade*, de Foucault. O autor debruça-se, nessa pesquisa, sobre as atribuições médicas, psiquiátricas e biológicas que sustém o postulado teórico da sexualidade durante os séculos XIX e XX.

Sabia assinar, não tinha motivo para ficar com o documento só com a marca do dedo e ainda um carimbo vermelho, analfabeto. Tinha que trocar, que ele era outro. Saber ler e escrever estava fazendo isso mesmo. *Raimundo Gaudêncio de Freitas* no papel (grifo meu). Alfabetizado. Palavras das grandes, tem “a” e “z”, a primeira e a última. Alfabetizado sabe do “a” ao “z”, mas escrever o nome é mais que saber as letras. Tinha que juntar uma na outra e se juntar a elas. Só assim faziam do nome completo mais do que letras, todo ele, de “a” a “z”.

A conjuração das letras do alfabeto permite a Raimundo ressurgir em sua própria insipidez subjetiva. Dessa maneira, há uma ruptura entre “Gaudêncio”, uma espécie de pré-sequência, não escolarizada, a qual resulta posteriormente em Raimundo, alfabetizado e dotado de plenos poderes em sua própria composição ética, no reconhecimento de si e de sua subjetividade. O que não pressupõe que, antes da consolidação do processo de alfabetização, a configuração de seu *éthos* estivesse inacabada. Porém, com o letramento o seu desejo assume as rédeas de sua existência subjetiva, em que a sua capacidade de explicitar as suas vontades e de direcionar os delineamentos de seu pensamento, ao ponto de desvelá-los ortograficamente, recondiciona Raimundo em um cenário estratégico. No qual a sua exclusão acarreta uma força motriz rejeitando a subalternidade e a incipiência das narrativas que poderiam ser desenvolvidas sobre si, na tentativa de qualificá-lo. Sobre suas mãos habituando-se ao ofício da escrita, Gardel (2021, p. 22) assevera no tocante ao personagem: “E se adaptaram que foi uma beleza à nova tarefa. Era o possível mais certo, o encontro mais interessante, esse, a mão, o lápis e a folha de papel”.

O ancoradouro de sua história materializa-se por meio da junção das palavras e da classificação de seu nome: Raimundo Gaudêncio de Freitas. Uma ação que desloca a sua vulnerabilidade para o campo das articulações artísticas, da arte como redentora dos terrenos acinzentados e ascéticos da não individualidade. Raimundo, portanto, a partir da leitura e da escrita, transmuta-se em um agente guarnecido de uma pujança subjetiva podendo, então, *elocucionar* a sua própria alteridade. Deve-se, desse modo, ressaltar-se o caráter autobiográfico do romance de Gardel, uma percepção incrustada na correspondência entre Raimundo e o vernáculo, vernáculo este que o ampara no exercício em que se instaura um solilóquio. Sublinha-se a relevância do evento do personagem alfabetizar-se apenas aos 71 anos de idade, na efígie de um ancião: “Raimundo não deixou ninguém ler (a carta) e envelheceu com o desejo de saber o que ela diz crescendo dentro dele. Feto idoso, rebento tardio. *A carta guardava uma vida inteira* (grifo meu)” (Gardel, 2021, p. 08).

Numa outra ótica, o princípio estipula-se à medida que o personagem é ornado com um púlpito, e sua voz, antes inaudita, revela-se em todo o seu esplendor particular. Como afirma Diana Klinger (2023, p. 43) em seu livro: *Escritas de si, escritas do outro* (2007), interpretando



Pierre Lejeune, escritor francês: “ele concluiu que o texto autobiográfico tira sua validade referencial não da verificabilidade do narrado do texto, mas da relação que ele instaura com seu receptor”. Nas palavras de Gardel (2021, p. 43), ao descrever a atmosfera escolar de Raimundo:

Esticador de horizontes, a professora Ana explicou que na poesia uma palavra diz muito mais do que diz, é a palavra que se estica então, isso sim, onde a palavra sozinha não vai, com a poesia vai, voa, que nem os passarinhos, passarinho que escuta de longe o silêncio que é tão alto, silêncio alto, abrir amanhecer, encolher rio, esticador de horizontes, só a palavra mesmo!

O *alargamento de horizontes*, como citado acima, é também um projeto que redonda nas utopias transgressivas conceituadas por Foucault em Vincennes⁴. A sexualidade avassaladora de Raimundo é também um canal de escoamento que se instala no rudimentar e compartimentado microcosmo em que vive o personagem. Desde a ocasião em que se constata apaixonado por Cícero, a utopia integradora forjada mediante o alicerce da imagem paterna começa a ruir compassadamente e de um jeito irreparável. Raimundo percebe essas mudanças fundamentado-as na diferença de seu desejo que, peremptoriamente, não se acopla à integridade da utopia tipificada pela envergadura da representação paternal. Foucault (2021, p. 242) pronuncia: “A sexualidade é a sociedade no corpo dos indivíduos, ou é o indivíduo socializado, imediatamente e de pleno direito”.

Esse convulsionar do *status quo*, que sustém as realidades particulares de cada um de seus agregados, é assolado gradativamente por uma disfunção alojada no núcleo de seus respectivos desejos e de seus indeclináveis antagonismos: “Notamos como o protagonista encontra-se imerso em culpa ao ponto de acreditar que ele próprio é responsável pelas agressões. Raimundo, aqui, reconhece-se como uma espécie de pecador, que merece ser punido diante de sua conduta pecaminosa.” (Amaral; Medeiros, 2024, p. 211) Raimundo, logo, superpõe-se aos limites de sua sexualidade, vivenciando-os em sua referente não ortodoxia, explorando as práticas particularizadas do prazer homossexual e da fantasia perpetrada por sua utopia transgressora.

No prisma de Gardel (2021, p. 44), *A palavra que resta* intui um decalque das utopias integradoras para um quadro onde há: “a decomposição dos atos imorais”, no tocante a Raimundo e à sua preferência por homens. O desejo do personagem nada mais faz do que *devorar de dentro para fora* as vísceras da utopia integradora e de seus recintos, doméstico e político, porque moralizantes, para depois regurgitá-las no centro da estrutura social

⁴ Rever as notas de rodapé números: 03 e 04 deste texto.



condicionada por uma interdição de atos convencionados como de *contranatureza*⁵. Consequentemente, a exclusão de Raimundo de seu seio familiar e da sociedade os quais lhe serviam de bastião é arregimentada no tracejo da utopia integradora. Paradoxalmente, ao mesmo tempo ele é enjeitado e reinserido no coração dessa ambiência supressora. No ideário do romance em destaque, Gardel (2021, p. 44-45) redige:

E nem sabia como seria a vida sem Cícero. A vida de gente limpa que o pai desejava. Como era a vida antes de Cícero? E algum dia poderia deixar de gostar de alguém igual a ele? Dá pra não desejar, *esquecer esse desejo que me suja* (grifo meu)? Que eu tinha que esconder? Esconder de uma vez o desejo pra não mais me esconder. Peito aberto, abarrotado da honradez de macho que possui⁶ mulher, esse orgulho que obrigava e enfeitava os olhos do pai e do mundo.

A tenacidade de Raimundo em se manter fiel aos princípios, que sustentam os meandros de sua subjetividade, projeta-se de maneira que apenas a versão formalmente letrada de si mesmo venha a narrar os desdobramentos consecutivos de sua nova vida. Essa deliberação de Gardel em delegar os relatos de Raimundo a um narrador onisciente e que se introduz no rol de emoções o qual povoa o personagem é, em alguma instância, uma oportunidade de assegurar ao protagonista certa precedência quanto às motivações que o exortam a estudar e a querer descrever sua história. Todavia, como defende Regina Dalcastagnè (2012, p. 39), escritora e professora da UNB, em seu livro: *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), ao referir-se ao cenário da literatura nacional corrente: “Toda essa literatura mais marcadamente crítica está sugerindo, no final das contas, que a autoridade de quem fala pelo outro tem de ser questionada, tanto em termos literários como sociais”. Gardel, apesar de sua escolha por um narrador heterodiegético onisciente, tenta angariar o máximo de primazia ao personagem de Raimundo, garantindo também algum prestígio aos outros personagens que integram o mosaico de figuras do contexto ficcional de sua obra.

⁵ Remete-se ao termo utilizado pelos autores cristãos dos primeiros séculos da atual era, dentre eles, Clemente de Alexandria (150-215) e Tertuliano (160-240), que registraram em seus livros e cartilhas, os atos considerados como de *contranatureza*. Esses atos concerniam principalmente aos comportamentos de alguns animais, como a lebre e a hiena, que, empreendiam “usos” impuros dos orifícios e das reentrâncias de seus corpos. Foucault recapitula esses tratados datados do período do Cristianismo Primitivo no quarto volume de *História da sexualidade: As confissões da carne* (2018), publicado postumamente, dedicado aos exames dos dois primeiros séculos que lançaram as bases da epistemologia cristã, culminando, posteriormente, no chamado: Cristianismo Tardio. O autor francês (Foucault, 2020, p. 47) recria o misticismo das discrepâncias corporais e das práticas conclamadas como profanadoras dos supracitados animais expondo: “Assim, o hermafroditismo alternado das hienas e as perfurações anuais da lebre tornaram-se lendas, mas, por meio dos costumes destes animais, os naturalistas podem, apesar de tudo, ler lições de conduta”. Para um exame mais amplificado da temática, ler o: *Capítulo I: A formação de uma experiência nova: Parte I: Criação, procriação* (2020, p. 21-74), no quarto volume de *História da sexualidade, As confissões da carne*, de Foucault.

⁶ O termo foi propositalmente alterado pelo autor deste texto sob a justificativa de suavizá-lo. Conferir a expressão original no início da página 45 desta edição consultada de *A palavra que resta*.

3 AS ALIANÇAS (IMPROVÁVEIS) ORIUNDAS DOS REGIMES DE EXCLUSÃO: O ORBE DE DESGARRADOS DE RAIMUNDO

A relação de Raimundo com Suzzanný, uma mulher transexual, a título de exemplificação, estabelece uma espécie de coextensão dos anseios e angústias, tal como os sonhos, de ambos os personagens. Não obstante o começo turbulento da correspondência entre o protagonista e Suzzanný, o vínculo entre os dois desabrocha em um laço de cumplicidade e de sobrevivência ante uma sociedade que impinge a obscuridade a sujeitos desnivelados e recalitrantes alusivos às utopias integradoras (perscrutadas na seção anterior). Acerca da personagem, Gardel (2021, p. 48) esclarece: “Era *ele* (grifo meu), de tanga preta e uma tira de pano rosa-choque sobre os seios. Raimundo atravessa a rua”.

Da mesma forma que Raimundo, Suzzanný também renasce por meio de seu novo nome, no episódio em que assume sua transexualidade ao pai (2021, p. 70-71), em *A palavra que resta*, propalando-o a Raimundo. E, ao sair de casa, onera-se com o peso da vergonha que a acompanhará por um tempo significativo. Não basta, logo, assumir um genuíno nome e carrear uma identidade aplainada por uma iconoclastia de si: os tributos éticos (e políticos) de uma articulação dessa natureza recaem sobre o indivíduo sempre o inclinando a deambular pelo solo da exclusão. Unindo-se a Raimundo, Suzzanný enleva-se no embate tangencial à projeção de sua faceta, como mulher (ontológica e socialmente), desestabilizando as barreiras sociais que dificultam as expressões éticas calcadas em primeira pessoa.

A homossexualidade e a transexualidade, acossadas pela homofobia e pela transfobia, sulcam as zonas limítrofes das utopias transgressoras e integradoras. Excluir, contraditoriamente, pode definir um ponto de reinclusão ao espaço social. De acordo com Thátilla Bezerra (2023, p. 44), em sua dissertação de mestrado relacionada ao romance de Gardel⁷: “o autor cria uma metáfora significativa para refletirmos sobre a subversão e o modo como ela acontece; as portas da frente estão trancadas, censuradas. Porém isso não impede o encontro de outras possibilidades para existir e estar presente”. Respeitante à Suzzanný, a personagem confessa a Raimundo, Gardel (2021, p. 91) traceja o seguinte diálogo:

⁷ A suprarreferida dissertação, defendida em 26 de abril de 2023, por Thátilla Bezerra, na Universidade Estadual de Goiás, no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), intitula-se: *Entre linhas e palavras: homofobia e (re) existência em A palavra que resta, de Stênio Gardel*.



“O cirurgião era médico falso, mas um deus grego, me deu meus seios, quase de graça, rezo pra ele até hoje, tu gosta, Raimundo? De quê? Dos meus peitos? De mulher, *nem natural* (grifo meu), Suzzanný. Entendo, também gosto de peito de homem, era bom conversar com ela desse jeito, de verdade, sem ficar pastorando as palavras, tinham um som diferente quando eram iguais às palavras de dentro de mim”.

A sinergia entre os dois personagens é latente neste extrato do texto de Gardel, o que não reduz a carga pejorativa das abordagens de Raimundo atinentes à Suzzanný. O preconceito internalizado ainda proporciona um obstáculo à receptividade dos vínculos éticos necessários à constituição da subjetividade, que é subsumida em um diálogo a dois. Contudo, Raimundo observa que, após atacar Suzzanný, o signo fundador da amizade entre ambos, ele necessita comprometer-se com aquela, transcendendo a culpa pela violência cometida ou vislumbrando uma atitude de reparação. Um gênero de abertura política na literatura, uma redemocratização localizada, promove esse nexos entre figuras eclipsadas pela desigualdade social e pelo descaso das forças governamentais. Regina Zilberman (2010, p. 190), professora e ensaísta, escreve acerca da nova geração de escritores pululantes no território literário brasileiro: “Ultrapassar o bloqueio dos órgãos de comunicação, cerceados pela censura, dar visibilidade a obras publicadas de modo quase marginal e passar o recado da insatisfação com a situação vigente”.

Suzzanný propicia um dos primeiros canais de intercomunicação para Raimundo, em que a sacralidade de uma comunidade engajada pelo tom da exclusão, também presentificada em Creide e Alex, produz as primeiras nuances da subjetividade acurada do personagem. Que viceja em sua luta por sobrevivência, e, especialmente, por uma interlocução, pelo intercâmbio de ideias e de segredos os quais permeiam as relações entre figuras, social e politicamente, rejeitadas. Os preconceitos de Raimundo sofrem com uma debacle no transcurso em que se escolariza, esgarçando a sua percepção de mundo de forma a possibilitar um entrelaçamento com as subjetividades externas às quais lhe circundam. Gardel (2021, p. 103) evidencia a autoaversão de Raimundo no trecho a seguir: “usar a cabeça feita para ignorar, rejeitar, eu fui me rejeitando, tu sabe como isso é ruim, Cícero?”.

A derradeira decomposição do embrutecimento de Raimundo, um tipo de emblemática que capitania o seu novo entorno, é o trabalho como costureiro. Em seu ofício anterior, operando como caminhoneiro, o personagem experiencia um meio envolto por um véu de austeridade, no qual sua sexualidade é impulsionada por encontros casuais e visitas recorrentes a um cinema pornô. A fixação de sua inédita *persona* redefine o seu lugar de reinserção no *mundo civilizado* em que as amarras do desejo são afrouxadas em prol de sua jornada libertária. Beatriz Resende (2011, p. 03), professora e pesquisadora, outorga em um de seus ensaios que: “A arma da ficção é o discurso, a da realidade, o estranhamento.” Portanto, a ficcionalidade a



qual recobre o mundo de Raimundo resguarda a discursividade pertinente ao estranhamento suscitado pelo desdobramento de uma vivência onírica em sua corporificação. Mas impregnada de realismo quando aprimorada pela gramática dos enfrentamentos sociais e políticos. Pois: “Em Raimundo, a palavra cotidiana não é meramente palavra” (Esteves, 2023, p. 546): ela é prene de pluralidade.

A rejeição, nessa perspectiva, procede no sentido de um arrasamento com o microcosmo anterior de Raimundo: o labor em tarefas culturalmente designadas aos homens. Ao assumir-se como costureiro, o protagonista revoga todos os acordos firmados com a arregimentação parental e masculinista de seu recinto de procedência. Essa ação não poderia ser concretizada pelo “outro eu” de Raimundo, aquele ainda aprisionado no rio em que esperara por Cícero. No espectro de um *criminoso social*, retoma-se Foucault (2015, p. 34), em seu curso, *A sociedade punitiva* (1972-1973), na aula de 10 de janeiro de 1973, em que o autor fundamenta: “Esse alguém é irreduzível à sociedade, incapaz de adaptação social, que vive uma relação de agressividade constante com a sociedade, sendo estranho as suas normas e a seus valores”.

Costurando roupas, Raimundo, novamente, reincide na quebra de pactos, dessa vez, claramente, não na couraça de um contraventor tradicional, com os papéis previamente estabelecidos nos entremeios do *corpus* social, reinterpretando as feições que homens, incontornavelmente, admitem no âmago de seu antigo microcosmo. É a partir do trabalho em sua máquina de costura que Raimundo também se materializa em um corpo geográfico⁸, uma compleição redesenhada possível pela mudança de relevo e também plasmada pela alfabetização. Gardel (2021, p. 68) descortina as apreensões de Raimundo aclarando:

Raimundo deixou os três na calçada e entrou em casa. Queria começar a escrever as felicitações de Natal. E iria começar pelo cartão de Suzzanny. Ela vai ficar toda feliz, orgulhosa até, quando ler um cartão que eu mesmo escrevi pra ela, é minha chance de dizer no papel e tudo o tanto que tu me ajudou, não consigo nem imaginar onde eu estaria agora se não tivesse te encontrado, e começou ali, minha *vida nova* (grifo meu), hoje eu vejo, naquela noite eu não sabia, foi, começou ali.

Édouard Louis em seu livro, *Mudar: método* (2021), também explicita o quão cômico estava dos abalos sísmicos que o assediavam ao transladar-se para Paris. Com as devidas críticas estabelecidas, guardando-se as diferenças geopolíticas e socioculturais, bem como os

⁸ Este conceito foi desenvolvido pelo escritor francês, Édouard Louis, em sua obra: *Mudar: método*. O autor compartilha em seu livro as mudanças que lhe foram ocasionadas no decorrer de sua inserção na capital francesa, Paris. Ele assinala que os moradores da capital possuíam trejeitos e maneirismos muito específicos os quais se aderiam perfeitamente à topografia do espaço da cidade. Louis também ratifica que o seu próprio corpo também foi visceralmente atravessado pelos matizes geográficos do território no período em que o frequentava.

contextos da ficção e da autoficção, Raimundo e Édouard Louis compartilham de engendramentos similares no que compete às configurações de reinclusão que perpetraram suas existências em suas *frações diaspóricas*. Opostamente a Louis, Raimundo ainda é intimidado pelo fantasma da exclusão, porém seu embate com esse enjeitamento é obstinadamente combatido em seu clamor diário pelo reconhecimento de sua subjetividade. Historiando sua proximidade com Paris, Louis (2024, p. 113) a reconta em seu livro a partir da convivência com os amigos de seu namorado à época:

Eu sentia que as características geográficas de seus amigos, o fato de morarem tão perto da capital, tinham uma influência direta em seu ser e em seus comportamentos (é uma sensação que se confirmará mais tarde, quando eu for à Paris e perceber a que ponto lá os corpos são diferentes, dessa vez não apenas por causa da proximidade com a capital, mas pela presença e a imersão nela, em seu coração, como se bastasse dispor de um corpo em um espaço geograficamente diferente para mudá-lo completamente, como se os corpos fossem antes de tudo, ou pelos menos em parte, *corpos geográficos*) [grifo meu].

A pobreza e a exclusão, espelhadas no bojo da sociedade, refletem as agruras daqueles que enfrentam o apagamento e o desterro no que concerne à quebra de pactos sociais. Louis e Raimundo, provenientes de zonas precárias e estigmatizadas, reconhecem em seus novos simulacros sociais as oportunidades de reconfiguração de suas agências no estrépito dos novíssimos ângulos que imbuem as suas metamorfoses. Regressando à problemática do desejo, Louis (2021, p. 113) redige, em *Mudar: método*: “O desejo me abre as portas do mundo.” Ingressar em uma nova comunidade, esta também assoberbada de corpos preteridos, trata-se de uma abertura para o abandono, a partida, elementos vivificantes para Raimundo e Louis. A premência da mudança é o ponto nevrálgico que determina o desenrolar da vida do personagem de *A palavra que resta*: “não tinha cabimento dentro da gente o que os outros pensavam que tinha dentro da gente e não tinha.” (Gardel, 2021, p. 67).

A sobrevida da subjetividade pressupõe um deslocamento dos processos que, primariamente, esculpiram a moldura das personalidades das vontades dos indivíduos. A ânsia pela metamorfose, em Louis, e a vertigem do sentimento que afasta Raimundo de sua vida comum são dois itinerários do processo de assunção da subjetividade menosprezada pelas utopias integradoras. Foucault (2021, p. 245) interpela em *O discurso da sexualidade*: “Daí a ambiguidade: será que a sexualidade, em sua forma atualmente ‘normal’, é uma instituição naturalizada por uma codificação e uma operação ideológicas?” E o filósofo expande a sua

indagação: “Ou serão suas formas perversas, neuróticas, o resultado de uma relação social em que o indivíduo fica alienado?” (Foucault, 2021, p. 245)⁹.

O “sequestro” da subjetividade do indivíduo contundentemente disfuncional, considerado como iníquo e subalternizado por um determinado conjunto de regras, é uma temática explicitada nos moldes de um frêmito por Gardel em seu romance, premissa de um de seus principais tensionamentos. O resgate dessa mesma subjetividade é uma empresa intrépida liderada por Raimundo. Averiguando os escritos de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), afamada escritora brasileira, Regina Dalcastagnè (2012, p. 10) entabula um debate acerca das representações históricas dos excluídos na literatura brasileira. A professora declara em *Literatura brasileira contemporânea*: “Acabamos por referendar critérios, aceitá-los em sua pretensa universalidade, e ficamos em posição pior para dar o passo seguinte, que é questionar esses mesmos parâmetros de julgamento estético.” E ela finaliza: “que são eles próprios reflexos de exclusões históricas” (*Idem*, 2012, p. 10).

Em uma concepção política, ordenar e produzir um objeto de arte por meio de si próprio é uma agenda monopolizada pelas grandes epistemologias, algo que se manifesta na percepção do outro, de sua alteridade, tal como um corriqueiro *fetichismo cultural*. É a partir de sua literatura que Gardel entroniza Raimundo em sua própria vertente de criação artística. Fazendo de sua alfabetização e de seus pequenos textos autorais um ensaio de consolidação de sua subjetividade transferindo-a para os entremeios de seu edifício ético. Natacha Esteves (2023, p. 546), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), exprime: “Enrustido e prisioneiro de si durante anos, quando fala, ele (Raimundo) fala uma palavra livre, mas apenas para si mesmo em pensamentos, ou seja, é uma narrativa completamente íntima e lírica”.

Nesse âmbito, Raimundo não é categorizado como um artefato antropológico apto às reflexões antropológicas e etnográficas, mas um produtor de arte, de uma arte secretada diretamente dos confins de sua subjetividade à luz de sua decodificação dos símbolos os quais paramentam o seu meio. Gardel, então, descentraliza Raimundo de uma espécie de *natureza primitivista*, conceptualização formulada por Diana Klinger (2023), em *Escritas de si, escritas do outro*, em que o manifesto do personagem, mesmo permeado pela atitude invasora do narrador da obra, perfaz a trajetória de Raimundo no arranjo de uma obra de arte em processo de fundação. Em outra compreensão, Gardel dribla os elementos que poderiam classificá-lo como um etnógrafo, na roupagem do narrador, atuando como uma testemunha ocular (e auditiva) do périplo experimentado por Raimundo. De acordo com Klinger (2023, p. 84):

⁹ Excerto referencial à *Aula 07: A utopia sexual*, do curso lecionado na Universidade de Vincennes, por Foucault.

Dissolvido seu objeto “original”, se o “outro” não é mais o “primitivo”, a antropologia já não detém o monopólio do estudo da cultura, pois ao mesmo tempo em que seu campo se amplia e se diversifica, ele começa a se sobrepor com o de outras disciplinas. De maneira que as fronteiras entre antropologia, sociologia, estudos culturais e crítica literária são cada vez mais difusas.

Contrastando *A palavra que resta* com outra recente publicação na seara da literatura brasileira, *Meu corpo ainda quente* (2020), de Sheyla Smanioto, escritora paulistana, reservado o norteamo dado pela autora ao seu livro, referendando o enredo através de uma distopia que remete ao período da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), a retomada da subjetividade é uma constante incrustada no preâmbulo do romance em questão. João, a narradora da trama, estrategicamente aquinhoada de uma ambivalência de gênero e também onomástica, alude à sua vida em Vermelha, espaço ficcional, e sua relação com a Mãe, em um local notório e destinado à *desova* de corpos de indivíduos identificados como *transgressores*. Mais uma vez, a utopia integradora, difundida na circunstância literária de *Meu corpo ainda quente*, devassa a opressão social e política vivenciada pelos moradores situados em Vermelha.

O personagem de Jô, como é chamado pelos pais, encarna-se em uma peleja metaforizada na dissolução de seu próprio Corpo, grafado com letra maiúscula, estilhaçado em uma manobra de desfiguração, daqueles que *não prestam* (Smanioto, 2020, p. 05), no modo como afirma a mãe de Jô. A recuperação da própria subjetividade, arrebatada pelo discurso inerente a um ideário machista e patriarcal, é o estrato de um sujeito condenado pelas práticas discricionárias e coercivas de um campo dominado por homens impelidos a uma espécie de reapropriação dos corpos alheios, incluindo os “femininos”, desalojando-os de si mesmos. Algo que é elucidado, também, através dos nomes que corporificam a estrutura física de Jô e das outras mulheres moradoras de Vermelha. No livro, repleto de prólogos que precedem os seus capítulos, Smanioto (2020, p. 11) expressa:

Era uma vez uma menina que vivia em um reino onde as mulheres não possuíam o próprio Corpo e aprendiam, desde pequenas, a se esconderem em um canto do Corpo pros homens poderem usar. Nesse reino, a Morte escolhia as suas vítimas entre os culpados. Se alguém morria, é porque devia ter feito algo. Pelo menos era o que a Mãe dizia pra menina. Então a Mãe morre. E a menina fica sozinha. Pior ainda: a menina fica apenas com o seu Corpo, o bicho selvagem e perigoso que sua Mãe lhe ensinou a temer.

O frisson dos desassossegos que acomete Raimundo e Jô possui como combustível a conjunção da violência em comunhão com a morte. Seja em *A palavra que resta* ou em *Meu corpo ainda quente*, a minimização da dor provocada por preconceitos, violências e interdições



são predicados perfilados em um gládio pela preservação de si, pela sustentabilidade do próprio corpo. Por meio dessa ótica, a subjetividade está interseccionada com o corpo e suas possibilidades de experimentação: subjetivas, sexuais, gastronômicas. Essas possibilidades estão diametralmente alocadas com as chances de desintegração e de erradicação as quais aureolam esses corpos. Gardel (2021, p. 10) registra aludindo à relação entre Raimundo e Cícero: “Se fincou nos olhos castanhos, Tateando o calor que rastilhava o corpo e dilatava as veias, sem saber onde pôr a cabeça, as mãos, os pés, o membro que crescia entre as coxas. Terra saliva línguas braços pernas bocas fome vida.” No que Smanioto (2020, p. 30) comunica acerca de Jô: “Eu não tenho medo da carne, do galope, eu até gosto da breve certeza de que meu Corpo está ali e não planejando uma vingança do outro lado de mim”.

Os limites do corpo são, *ipsis litteris*, os limites da subjetividade, portanto, a ultrapassagem desses limites prognostica uma manobra calculada pelo indivíduo para a reconquista de ambos: o corpo e a subjetividade. Constituir a subjetividade é constituir o corpo, é empreender um enclave com o campo político no qual estão reputados. A literatura denuncia que: “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar *em nome* (grifo da autora) deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (Dalcastagnè, 2012, p. 17). Em *A palavra que resta*, Suzzanný desabafa a Raimundo (Gardel, 2021, p. 71):

Só viu a vergonha em mim (referindo-se ao pai), não viu o que era importante, o que eu queria tanto dizer pra ele, que me sentia diferente, um desencontro, *um desconforme dentro de mim* (grifo meu), É difícil explicar, pai, sabe se o senhor coloca umas pedras dentro de um copo e o que fica dentro, as pedras, as pedras não se aformam ao copo, fica sempre uns espaços, sem pedra ou sem copo.

Por fim, o desembaraçar da subjetividade é uma técnica que é interposta nas existências, tanto de Raimundo, quanto de Jô. Ainda que as distinções de gênero e de orientação sexual, bem como as diferenças estruturais das duas obras, *A palavra que resta* e *Meu corpo ainda quente*, o que de fato reverbera é a superação de expectativas e a recriação das linhas demarcatórias da subjetividade, do imaginário ético de cada indivíduo. Reportando-se à Suzzanný, Raimundo arremata seu testemunho (Gardel, 2021, p. 114): “Falou que era pra continuar estudando ou escrever o que eu quisesse. *Acho que encontrei um começo* (grifo meu).” Como a carta de Cícero endereçada a Raimundo, que permanece incógnita, uma espécie de alegoria no que se relaciona ao seu desabrochar subjetivo, demovendo-se do território da exclusão, sua missão de autodescobrimento dispõe de uma tonalidade perpétua de indefinição: habitual em todo projeto de reassumir a si mesmo.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Raimundo Gaudêncio encabeça um inventário de personagens da mais recente literatura contemporânea produzida e publicada no Brasil. No qual o fator testemunho reacende a discussão sobre as tendências de se *antropologizar* personagens acomodados em zonas geográficas distanciadas das grandes metrópoles ou dos grandes polos, em que a arte e a produção cultural estão agrupadas no *modus vivendi* de seus agentes. Em *A palavra que resta*, o agente do testemunho é o narrador que costura uma linha temporal em que a memória de Raimundo é absorvida por sua voz divulgada na compreensão de si mesmo, por meio de uma realidade atroz que vitimiza os indivíduos os quais ousam perseverar na efetivação de suas utopias transgressivas. Raimundo, embora não letrado, inicialmente, percebia o seu contexto de maneira tão poética e vertiginosa quanto após a educação formal granjeada por si. Entretanto, a capacidade de narrar os contornos de sua subjetividade estava eclipsada pelo não domínio das letras que ensejaram o processo de relato em primeira pessoa de sua constituição humana, política e social.

A vulnerabilidade é um dos corolários que vem a modelar a escrita de Gardel, alargando o compartilhamento de experiência entre Raimundo e o leitor oculto de *A palavra que resta*. Contar a própria história, tendo como estandarte a face do marginalizado, do expropriado pelas forças estatais e governamentais, é o grande trunfo da nova literatura contemporânea brasileira realizada atualmente. Stênio Gardel pode ser qualificado como um de seus exponenciais representantes. Nas palavras de Regina Dalcastagnè (2012, p. 200): “Os silêncios da narrativa brasileira contemporânea, quando nós conseguimos percebê-los, são reveladores do que há de mais injusto e opressivo em nossa estrutura social.”

O que propõe Gardel é a recalcitração por meio das utopias transgressivas, usurpada durante muito tempo, na produção literária brasileira, por agentes que deliberadamente optaram pela *exotificação* do marginalizado, na natureza de um *folclore urbano* (Klinger, 2023), de autossuperação pela penúria, do subalterno. Emulando suas vidas em quartos pequenos e mal ventilados, onde um ar rarefeito espalhava todo um conjunto de miasmas com um suposto potencial fundador de uma consciência criadora. Klinger (2023, p. 93) inquire acerca do repertório literário hodierno: “É preciso nos perguntarmos até que ponto a *crise do literário*, exacerbada pelos fluxos midiáticos da cultura audiovisual, não é também produto da dissolução das fronteiras entre *texto* e *discurso* (grifos da autora)”.



Essa possível *abertura a uma prática social amalgamada ao texto* (Klinger, 2023, p. 93) também revela algumas colorações do ângulo que a literatura brasileira latino-americana propõe a uma conceituação de cidadania a sujeitos historicamente rechaçados. Gardel (2021, p. 113), ao delinear as expectativas de Raimundo à carta de Cícero, até então, inviolada, ortografia: “Tinha que ser a última vez que eu ficava daquele jeito. A carta fechada nas mãos e a decisão pendurada na cabeça. Levantei a aba do envelope e tirei a folha de dentro. Ela sentiu o vento e o sol que batia na janela”. Há, sem sombra de dúvida, cartas a serem escritas e lidas, no redemoinho das ficções compositoras, das subjetividades daqueles que se recusam a existir através da herança da subalternidade, do paternalismo e da indigência das emoções.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, J. P. W.; MEDEIROS, R. L. Uma análise sobre a culpa, o medo e a vergonha em *A palavra que resta*, de Stênio Gardel. In: *Revista Periódicus* (Universidade Federal da Bahia – UFBA): v.3, n.20, 2024, p. 200-215. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v3i20.60145>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/60145>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- BEZERRA, T. R. D. *Entre linhas e palavras: homofobia e (re)existência em “A palavra que resta”*, de Stênio Gardel. 2023. 98 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, 2023. Disponível em: <https://www.btdt.ueg.br/handle/tede/1396>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- ESTEVES, N. dos S. O ofício poético de dizer o indizível: considerações sobre o romance lírico *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel. *Faculdade Sant’Ana em Revista (Faculdade Santana)*: Ponta Grossa/PR, v. 7, n. 2, 2023, p. 540-557. Disponível em: <https://iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/2330>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- FOUCAULT, M. *A sociedade punitiva: curso no Collège de France (1972-1973)*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade, vol. IV: as confissões da carne*. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- FOUCAULT, M. *Sobre a sexualidade: cursos e trabalhos de Michel Foucault antes do Collège de France*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- GARDEL, S. *A palavra que resta: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.



KLINGER, D. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 4. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023.

LOUIS, É. *Mudar: método*. Tradução de Marília Scalzo. 3ª reimp. São Paulo: Todavia, 2024.

RESENDE, B. A literatura brasileira num mundo de fluxos. *Z Cultural: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*: Rio de Janeiro, ano VI, n.1, 2011, p. 1-4. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-literatura-brasileira-num-mundo-de-fluxos-de-beatriz-rezende-2/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

SMANIOTO, S. *Meu corpo ainda quente*. São Paulo: Editora Nós, 2020.

ZILBERMAN, R. Desafios da literatura brasileira na primeira década do séc. XXI. *Nonada: Letras em Revista: Porto Alegre*, v.2, n.15, out./2010, p. 183-200. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451677014.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

